


UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE O USO DE DROGAS E O DIAGNÓSTICO PSQUIÁTRICO

A CRITICAL ANALYSIS ON DRUG USE AND PSYCHIATRIC DIAGNOSIS

UN ANÁLISIS CRÍTICO SOBRE EL USO DE DROGAS Y EL DIAGNÓSTICO PSQUIÁTRICO

Raquel Soares Bonatto¹ 

Universidade Federal do Rio Grande/RS - FURG

RESUMO

O presente trabalho origina-se em uma questão crítica a propósito das teorias tradicionais e recentes acerca do uso abusivo de substâncias entorpecentes. Em vista disso, procura-se percorrer as premissas adotadas da teoria da dopamina e do sistema de recompensa, expondo de forma crítica alguns estudos realizados acerca de sua total veracidade. Questiona-se o protagonismo conferido ao usuário de drogas na contemporaneidade como determinante de um sistema neurológico, causador da dependência química. Desenvolve-se a noção de um novo panorama do tema das drogas, considerando as diversas vicissitudes acerca da infinidade de questões relacionado ao uso de drogas, compreendendo através de pesquisas científicas que, os comportamentos humanos e a singularidade da vida dessas pessoas falam muito mais sobre a hipótese do uso abusivo de drogas do que propriamente a justificativa descritiva e limitada do *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*, ou DSM, para o diagnóstico de Transtornos Relacionados a Substâncias. Procura-se, também, defender a ideia de que uma pequena parcela da população dispunha de um verdadeiro problema em relação ao uso de substâncias. Por fim, apresenta-se dois casos clínicos, vivenciados no estágio obrigatório do Curso de Especialização em Abordagem Multidisciplinar em Dependência Química, da Universidade Federal do Rio Grande/RS - FURG, a fim de sustentar a hipótese teórica desenvolvida durante todo o trabalho. **Palavras-chave:** Uso abusivo de drogas; Ratolândia; DSM.

ABSTRACT

The present work originates from a critical question regarding traditional and recent theories about the abuse of narcotic substances. Given this, we try to go through the premises adopted from the dopamine theory and the reward system, critically exposing some studies on its total veracity. The role of drug users in contemporary times as a determinant of a neurological system, which causes chemical dependency, is questioned. The notion of a new panorama of the theme of drugs is developed, considering the various vicissitudes regarding the infinity of issues related to drug use, understanding through scientific research that, human behaviour and the singularity of these people's lives speak much more about the hypothesis of drug abuse than the descriptive and limited justification of the *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*, or DSM, for the diagnosis of Substance-Related Disorders. It also seeks to defend the idea that a small portion of the population had a real problem with substance use. Finally, two clinical

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande/RS - FURG. Pós-graduada em Abordagem Multidisciplinar em Dependência Química, da Universidade Federal do Rio Grande/RS - FURG. Graduada em Psicologia.

Contato: raquelsbonatto94@gmail.com



cases are presented, experienced in the mandatory stage to support the theoretical hypothesis developed throughout the work.

Keywords: Drug abuse; Ratolândia; DSM-V;

RESUMEN

El presente trabajo parte de una pregunta crítica sobre las teorías tradicionales y recientes sobre el abuso de estupefacientes. Ante esto, intentamos recorrer las premisas adoptadas de la teoría de la dopamina y el sistema de recompensa, exponiendo críticamente algunos estudios realizados sobre su total veracidad. Se cuestiona el papel de los consumidores de drogas en la actualidad como determinante de un sistema neurológico que provoca la dependencia química. Se desarrolla la noción de un nuevo panorama del tema de las drogas, considerando las diversas vicisitudes en torno a la infinidad de temas relacionados con el consumo de drogas, entendiendo a través de la investigación científica que el comportamiento humano y la singularidad de la vida de estas personas hablan mucho más de La hipótesis del abuso de drogas que la justificación descriptiva y limitada del *Manual Diagnóstico y Estadístico de los Trastornos Mentales*, o DSM, para el diagnóstico de Trastornos Relacionados con Sustancias. También busca defender la idea de que una pequeña porción de la población tenía un problema real en relación al consumo de sustancias. Finalmente, se presentan dos casos clínicos, vividos en la etapa obligatoria para sustentar la hipótesis teórica desarrollada a lo largo del trabajo.

Palabras llave: Abuso de drogas; Ratolândia; DSM.

1 INTRODUÇÃO

Foi na década de 90 que o presidente norte-americano George H. W. Bush havia declarado “a década do cérebro”. A região cerebral de ratos de laboratório dotada de neurônios, conhecida como *nucleus accumbens*, operava como experiência científica na intenção de medir a maneira como seus neurônios reagiam às drogas (WISE, 1988).

A dopamina, neurotransmissor elementar e central no estudo sobre o vício, produtora de um prazer tão intenso e avassalador, faria com que as pessoas se tornassem verdadeiros escravos, uma vez que ativassem em altos níveis a atividade dos neurônios da dopamina e, portanto, perderam o próprio controle do comportamento. Diante dessa necessidade de ir atrás de mais incitações dopaminérgicas, isto levaria as pessoas a roubarem, matarem e implorarem para obtenção de mais droga. Esse contexto foi chamado de “hipótese dopamina do vício” (OLDS; MILNER, 1950).

Muitas pesquisas científicas, com ratos e grupos de pessoas, foram realizadas após o descobrimento do sistema de recompensa, e assim as respostas sobre a ação do vício no comportamento das pessoas eram restritamente justificadas pela neurociência (WARNER, 1995).

Essas descobertas foram supervalorizadas, tanto na imprensa popular quanto para a comunidade científica, uma vez que a explicação sobre a ação das drogas no cérebro explicaria a dependência das pessoas em substâncias psicoativas (HART, 2014).

Apesar do intenso esforço dos neurocientistas, descobriu-se que não só a dopamina agiria na recompensa, mas que haveriam mais neurotransmissores na história e que, além disso, nem todos os ratos de laboratório apresentavam comportamentos semelhantes (HART; KSIR, 1996).

Por isso, cientistas como Hart e Ksir (1996) iniciaram uma série de estudos que tinham como propósito analisar outras referências, ainda não pensadas anteriormente, sobre a causa do vício. Uma das primeiras indagações, ao estudar a questão do vício, focalizava apenas os comportamentos patológicos e ignoravam-se as situações comuns e normais, como as condições de habitação dos animais em experiência. Resistência ao estresse, aspectos sociais e comportamentos grupais também foram considerados, assim como fatores protetivos e negativos relacionados ao uso de substância.

Deste modo, é objetivo deste trabalho demonstrar algumas controvérsias sobre a teoria simplista da recompensa e da dopamina, assim como expor alguns estudos mundialmente reconhecidos sobre a hipótese do uso abusivo de drogas relacionados à condição de aspectos singulares de suas vidas, que produziram a causa da dependência.

Este estudo utilizou-se da abordagem qualitativa com metodologia de Estudo de Caso, uma vez que se buscou compreensão e análise de dois casos-clínicos, ambos usuários do Centro Regional de Estudos, Prevenção e Recuperação de Dependentes Químicos (CENPRE) - FURG, a partir de suas experiências particulares com o uso excessivo de entorpecentes.

Cada um dos pacientes realizou 8 sessões de psicoterapia, de abordagem psicanalítica, além da aplicação e desenvolvimento das ferramentas, métodos e estratégias do viés da Redução de Danos (RD).

Devido à possibilidade de acompanhar os pacientes nas sessões de terapia, estas, de periodicidade semanal de ambos os pacientes, o período de registro da coleta de dados ocorreu entre novembro e dezembro do ano de 2018, tendo sido utilizados diversos materiais para a coleta de dados, dentre eles: diários de rotina dos pacientes, entrevistas individuais, relatórios médicos, fotos e vídeos.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Por que você usa drogas?

Talvez essa seja a primeira pergunta que se tenha em mente quando se está prestando alguma espécie de assistência a alguém que enfrenta dificuldades em reduzir ou suspender definitivamente o uso de drogas, visto os prejuízos acumulados nas mais diversas esferas da vida

em decorrência do seu consumo. As justificativas são diversas, como, por exemplo, a experimentação por curiosidade, ou pela ânsia de sentir-se pertencente a um grupo, assim como, para “fugir da realidade”. Há, também, quem diga que começou a usar drogas pela ânsia do prazer inigualável que é proporcionado pela utilização dessa ou daquela substância psicoativa. Bem como, há aqueles que não sabem muito bem explicar a razão pela qual continuam usando, uma vez que já não sentem o mesmo prazer de outrora e que, além disso, o seu consumo só lhe traz problemas.

Comumente, atribui-se o consumo de drogas, seja ele feito de maneira a trazer-lhe problemas ou não, aos efeitos farmacológicos das substâncias psicoativas sobre o sistema nervoso. Efeitos que, por sua vez, levariam os sujeitos a buscarem cada vez mais consumir tantas drogas quanto fosse possível e sempre que possível. A tal ponto que seus usuários eram considerados incapazes de decisões racionais, pois seus cérebros tinham sido alterados ou danificados pelo consumo de substâncias psicoativas. De tal maneira que a fissura, ou a ânsia por consumi-las, os levaria a implorar, a roubar, a traficar e até a matar para obtê-las (HART, 2014).

De tal forma que se chegou a atribuir ao crack, por exemplo, o tratamento negligente ou o abandono dos filhos pelos pais ou das esposas pelos maridos, a prostituição, a delinquência juvenil, o desemprego, o fato de os filhos serem criados por parentes, como tias e avós, a violência, a criminalidade etc. A culpa era posta na droga e no poder irresistível de prazer que ela exerceria sobre aquele que a consumia (HART, 2014).

Enfim, os comportamentos das pessoas usuárias de drogas, retratadas como menos humanas e menos racionais, eram explicados em função das drogas e seus efeitos sobre o sistema nervoso, em detrimento das explicações que se relacionam ao contexto do qual provinham. Dentre essas explicações, destacam-se a “hipótese do papel da dopamina” e a do “centro de recompensa ou prazer” do cérebro.

2.2 A “Hipótese do papel da dopamina”

Em uma universidade canadense na década de 50, Olds e Milner (1954) conectaram eletrodos nos cérebros de ratos numa região conhecida como Sistema de Ativação Reticular (RAS, sigla em inglês para *Reticular Activating System*). Os cientistas tinham o propósito de observar o fenômeno a respeito do qual a estimulação dessa rede cerebral nos cérebros dos ratos os tornariam capazes de aprenderem a se deslocar melhor em labirintos.

Entretanto, determinado rato voltava repetidamente para um canto específico, sobretudo, durante o estímulo, como se o estímulo elétrico tornasse esse canto mais atraente. Então, os pesquisadores dissecaram o rato e descobriram que haviam colocado o eletrodo no lugar

errado, e tinham atingido acidentalmente uma região conhecida como Feixe Medial do Prosencéfalo (MFB, de *Medial Forebrain Bundle*).

Logo após, implantaram deliberadamente eletrodos nessa região em outros ratos, bem como, permitiram que os roedores pressionassem uma alavanca para estimular essa região por conta própria. Alguns ratos chegaram a pressioná-la setecentas vezes por hora. De tal maneira, que esse experimento levou a crer que nenhum rato jamais poderia “dizer não” a esse estímulo. Essa área ficou conhecida como “centro de recompensa” ou “prazer” do cérebro, cuja ativação ocorria através de recompensas “naturais”, como o sexo (OLDS; MILNER, 1954).

Alguns anos depois, na década de 60, outros pesquisadores descobriram que a dopamina era o neurotransmissor mais abundante no Feixe Medial do Prosencéfalo, além de carregar sinais entre regiões envolvidas no prazer e no desejo, como o *nucleus accumbens*. Tempo depois, os pesquisadores Rob Wise e George Koob, em 1992, propuseram a seguinte teoria: “todas as drogas psicoativas de que as pessoas gostam (álcool, heroína, cocaína, tabaco etc.) aumentavam a atividade dos neurônios da dopamina nessa região do cérebro”. E então, surgiu a hipótese do “centro de recompensa” ou “centro do prazer” no cérebro. A seguir, dialoga-se um pouco sobre este conceito.

2.3 A “Hipótese do centro de recompensa ou prazer”

Com a hipótese de que a dopamina seria o neurotransmissor mais abundante no Feixe Medial do Prosencéfalo e de que esse seria o real motivo de os sujeitos gostarem de usar todas as drogas psicoativas, chegou-se ao ponto de acreditar na teoria de que o aumento da atividade dos neurônios da dopamina, causado pelas drogas, deixavam os usuários reféns dessas experiências artificiais em decorrência de um intenso prazer que, por sua vez, produziria um desejo avassalador de uma nova ingestão que, por consequência, sequestraria o “centro de prazer” do cérebro.

Os viciados estariam fadados a perder o controle do próprio comportamento, pois acreditavam que as drogas poderiam aumentar muito mais a atividade dos neurônios da dopamina que prazeres relacionados à ingestão de alimentos e ao sexo, os quais os ajudariam a competir na corrida evolutiva pela sobrevivência (KOOB, 1992).

Entretanto, a teoria amplamente aceita sobre a “hipótese do papel da dopamina” e a do “centro de recompensa ou prazer” no cérebro mostram-se, no mínimo, discutíveis quando levamos em conta os estudos atuais sobre o assunto, considerando, principalmente, que apenas a ação da dopamina no cérebro não é capaz de explicar as causas da dependência em drogas. A



seguir, demonstram-se algumas controvérsias dessa teoria, considerando os novos estudos científicos realizados sobre a temática da adicção.

2.4 Algumas controvérsias

2.4.1 A proeminência do papel da dopamina na recompensa

Os estudos sobre a proeminência do papel da dopamina na recompensa ocorreram quando havia apenas seis neurotransmissores conhecidos (dopamina, norepinefrina, serotonina, acetilcolina, glutamato e ácido gama-aminobutírico). Atualmente, existem mais de cem, para os quais, por vezes, há receptores específicos, bem como, mais de um tipo de receptor (a dopamina tem pelo menos 5 subtipos de receptores). Sabe-se, ainda, que os hormônios agem, sob certas circunstâncias, como neurotransmissores, como, por exemplo, a ocitocina e a testosterona (OLDS, J.; MILNER, P., 1954).

2.4.2 A atuação das drogas sobre a dopamina no centro de recompensa

A nicotina, a cocaína e a maconha agem de maneiras diferentes sobre a dopamina no centro de recompensa do cérebro, contrariando a hipótese de que todas as drogas agem da mesma maneira sobre essa região. Além disso, cada droga age sobre uma série de outros neurotransmissores e não unicamente sobre a dopamina, determinando experiências subjetivas diversas (HART, 2014).

2.4.3 A presença da dopamina em situações estressantes

Constatou-se que a liberação de dopamina não ocorria apenas em situações agradáveis. A dopamina também ocorreria em experiências estressantes, repulsivas ou que prediziam circunstâncias dolorosas ou negativas (CHAUVET, et al., 2012; PUHL et al., 2012 ; STAIRS; KLEIN; BARDO, 2006).

2.4.4 A dopamina não é o único neurotransmissor ligado ao prazer

A dopamina não é o único neurotransmissor ligado ao prazer, pois, quando a dopamina é bloqueada através de drogas antagonistas, apesar de os animais pararem de se administrar drogas, como cocaína, o mesmo não acontece com a heroína. Se a dopamina fosse a única fonte de prazer no cérebro, a administração de heroína - na verdade, a administração de qualquer droga agradável - também deveria cessar (CHAUVET et al., 2012; PUHL *et al.*, 2012; STAIRS; KLEIN; BARDO, 2006).



2.4.5 As drogas que liberam dopamina utilizadas para fins terapêuticos

Há drogas que liberam dopamina utilizada para fins terapêuticos, por exemplo, a anfetamina (Adderall), a metanfetamina (Dezoxyn) e o metilfenidato (Ritalina). Apesar de casos de abuso, os usuários terapêuticos não ficam viciados (HECHTMAN; GREENFIELD, 2003).

2.5 A maioria das pessoas que usa drogas não se vicia

Ainda que alguém utilize substâncias psicoativas regularmente, isto não implica, necessariamente, que possua um transtorno relacionado ao uso de substâncias. Fatores simplistas como álcool e outras drogas não dizem muita coisa. Visto que, cerca de 75% dos usuários de drogas, sejam elas legais ou ilegais, não preenchem os critérios do *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*, ou DSM, para o diagnóstico de Transtornos Relacionados a Substâncias. Pesquisas recentes demonstram que os indivíduos afetados por problemas devido ao abuso de substâncias são de 10 a 25%, inclusive os usuários das drogas mais pesadas, como crack e heroína (O'BRIEN; ANTHONY, 2009; WARNER *et al.*, 1995; ANTHONY *et al.*, 1994).

Nesse contexto, segundo o *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (2013)*, o vício é designado não apenas pela ingestão ou uso regular de drogas, mas por 4 grupos de critérios: O primeiro é o “Baixo controle”, que traduz como um consumo em maior quantidade e maior tempo do que pretendido; assim como vontade persistente de parar ou diminuir o uso sem conseguir, também em investir muito tempo no uso, criando também a fissura. O segundo critério é o conceito de “Prejuízo Social”, onde há o insucesso do sujeito no cumprimento de obrigações laborais, escolares ou do lar; bem como a persistência no uso da substância mesmo com problemas sociais ou interpessoais recorrentes, potencializados ou decorrentes dos efeitos da própria substância; e em maior nível, ocorre o abandono das atividades sociais, profissionais ou de lazer como consequência do uso da substância.

O terceiro quesito é a possibilidade de o sujeito “se pôr em risco”, pois o uso da substância pode ocorrer em situações de risco à integridade física, e pode haver persistência do uso mesmo apresentando algum dano físico ou psicológico causado ou exacerbado pela substância. Por último, citam-se os “Critérios Farmacológicos”, que indicam os conceitos da “tolerância” (necessidade de consumir maior dose da substância para atingir o efeito habitual) e da “abstinência” (síndrome decorrente da falta da droga).

É importante ressaltar que o “Transtorno por Uso de Substância” (DSM-V, 2013), é classificado como “leve”, com a presença de dois ou três sintomas; é classificado como “moderado” com a presença de quatro a cinco sintomas; e como “grave” na presença de seis ou mais

sintomas.

2.6 Os vínculos sociais: a experiência da Ratolândia

O canadense Bruce Alexander e seus colegas realizaram uma série de pesquisas, nos quais observaram e constataram que o ambiente em que os ratos de laboratórios eram mantidos estavam longe de se parecerem aos ambientes naturais da espécie. Sendo assim, a maioria dos ratos estudados nas pesquisas sobre drogas era mantida em jaulas nas quais permaneciam isolados do contato com outros animais, e deficientes quanto a reforços alternativos (ALEXANDER et al., 1978; HADAWAY et al., 1979). Extremamente sociáveis, os ratos se estressam em isolamento, razão pela qual o pesquisador Alexander (1978), propõe um experimento no qual cria um ambiente inspirado no habitat natural dos ratos, a fim de afetar as escolhas dos ratos em fazer uso de drogas ou não.

Esse habitat criado artificialmente ficou conhecido como “Parque dos ratos” ou “Ratolândia”. No Parque dos ratos havia à disposição: contatos sociais, exercícios, sexo, além de água com morfina, suficientemente adoçada para estimular o paladar dos ratos, persuadindo-os a beber morfina (ALEXANDER et al., 1978; HADAWAY et al., 1979). Os resultados desse experimento são impressionantes. Enquanto os ratos isolados passaram logo a beber a água com morfina com regularidade, os ratos da Ratolândia não o faziam. Nenhum deles, portanto, usou compulsivamente, ou tiveram uma overdose.

Por outro lado, os ratos isolados apresentavam um consumo 19 vezes maior que os ratos no Parque dos Ratos. (ALEXANDER et al., 1978; HADAWAY et al., 1979). Em novo experimento, os pesquisadores introduziram na Ratolândia ratos que apresentavam um consumo compulsivo de morfina enquanto estavam em isolamento. Apesar disso, os ratos já “viciados”, quando estavam no Parque dos ratos, evitavam consumir morfina mesmo apresentando crises de abstinência (ALEXANDER et al., 1978; HADAWAY et al., 1979).

Os vínculos sociais proporcionados pela Ratolândia, bem como as atividades disponíveis que promoviam o convívio entre os ratos, era determinante para que os ratos evitassem o uso de morfina. Enquanto isso, o isolamento dos ratos engaiolados os deixava mais suscetíveis a um consumo prejudicial de morfina.

2.7 Dados clínicos²

2.7.1 Relatos de casos

² Nos casos apresentados, os nomes próprios são fictícios, assim como parte das histórias e alguns detalhes secundários foram modificados, para que as identidades das pessoas fossem preservadas.



2.7.1.1 Caso 1

Marcos, 34 anos, chegou ao serviço ambulatorial Centro Regional de Pesquisa, Estudos e Tratamento de Dependentes Químicos (CENPRE) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), do Hospital Universitário Miguel Riet Corrêa Jr., relatando estar tendo prejuízos importantes associados ao uso da cocaína na sua vida. Inicialmente, foi realizado o acolhimento do paciente, depois, fez-se o esclarecimento do funcionamento do serviço, assim como elucidaram-se as abordagens de tratamento que o CENPRE dispunha aos pacientes. Neste dia, foi dialogado com o paciente, a possibilidade da abordagem da Redução de Danos, assim como da abstinência total, a fim de que o paciente escolhesse qual o direcionamento preferisse.

Inicialmente, o paciente mostrou-se inibido nas sessões. Porém, demonstrava grande interesse em apostar no tratamento oferecido. Seu discurso inicial sobre o uso de drogas, se mostrava solidificado na conceptualização de “sujeito viciado”, assim como na premissa de que, para ser uma “pessoa digna”, seria necessário que cessasse o uso contínuo de cocaína. Segundo ele, o entorpecente lhe causava prejuízos financeiros há 4 meses e que isto o motivou a procurar ajuda profissional.

Quando questionado sobre o ponto inicial ao qual ele havia começado o uso da droga, Marcos relatou “ter utilizado toda a vida”, segundo informações coletadas (SIC). Aos 15 anos, quando saía para festas com os amigos, utilizava cocaína e álcool para fins recreativos, e também para ter coragem de socialização, inclusive com outras mulheres. Marcos contou que sempre foi muito tímido, e que a dificuldade que encontrava no relacionamento com as mulheres o motivava a utilizar de alguns entorpecentes, para diminuir a inibição. Porém, as drogas não traziam prejuízo algum, segundo ele, então a questão do uso não o preocupava.

O paciente relatou, também, que adora eventos gaudérios, onde havia exposição de cavalos, competição e dança gauchesca. Foi em um desses eventos que Marcos conheceu a primeira e única namorada que teve na vida, com a qual se relacionou por 7 anos. Segundo ele, foram os 7 anos mais felizes de sua vida. Ele narrou que o relacionamento amoroso de forma saudosa, mas ao mesmo tempo enraivecida. Raiva que, segundo ele, iniciou-se com o motivo do término dos dois.

Marcos descobrira, em nítida memória, que a namorada traía sua lealdade com o irmão mais novo dele, possuindo um caso extraconjugal durante anos. O desapontamento foi tanto que o paciente, além de terminar o relacionamento, também rompeu qualquer vínculo com o irmão mais novo.

Após o término, o paciente revelou que parou de ir aos eventos gaudérios, assim como rompeu com a maioria do seu círculo social. Ele se inibiu muito após a situação exposta, fazendo



com que Marcos não participasse mais dos eventos de que mais gostava, assim como explicou ter havido uma “perda de sentido na vida”, uma vez que a moça lhe havia tirado quaisquer esperanças em um relacionamento saudável e feliz.

Após 2 anos do acontecimento com o irmão e a namorada, revelou ter aumentado o uso de cocaína, dessa vez em isolamento, em sua residência, mas que ainda assim, não lhe causava prejuízos maiores, como deixar de ir ao trabalho ou deixar de pagar suas contas mensais.

Foi no ano de 2014 que Marcos realizou um sonho. Comprou um cavalo. Como todo animal doméstico, o cavalo, nome que lhe tinha dado devido à lembrança de seu pai, que também se chamava Bob compelia uma gama de gastos financeiros e de disponibilidade de tempo.

Marcos reside na cidade de Alegre em uma casa tão pequena que não havia espaço para o animal. Devido a isso, o paciente remunerava um cuidador de cavalos, que era um homem simples e honesto, o qual morava na área rural da cidade de Alegre, em uma pequena fazenda natureza, repleta de plantas, flores e outros animais.

Durante dois anos, Marcos dedicou, segundo ele, muito mais que dinheiro ao animal, tendo compartilhado também muitos momentos felizes junto a ele. Devido ao cavalo, Marcos retornou a frequentar aos eventos gaudérios, assim como retomou algumas amizades antigas e adquiriu novas amizades também. Referia-se ao animal como “Meu filho” e todos os finais de semana, sem exceção, passeava com o animal.

No começo de 2017, o cavalo de Marcos adquiriu uma doença bacteriana, o que levou o animal à morte em menos de 3 meses. Marcos revelou que, durante este período, gastou muitas finanças na tentativa de sobrevivência do animal. Nada se comparava à preocupação, ansiedade e tristeza que vivenciou durante esses 3 meses. No dia em que o cavalo veio a falecer, Marcos revelou ter “descido ladeira abaixo sem a esperança de voltar” (sic). Diante da fatalidade, Marcos revelou que diante do falecimento do animal, a droga tornara-se uma alternativa atraente para a arrebatar a tristeza.

Ao invés de gastar os R\$40,00 reais por semana na droga, ele começou a gastar R\$200,00 e que, além disso, não estava mais cumprindo os horários corretamente em seu trabalho. Chegava atrasado, ausentou-se diversas vezes. Chegou a quase ser demitido devido às circunstâncias.

Observou-se que o animal era tão importante para o paciente quanto sua própria vida, e que a fatalidade do falecimento do cavalo não só remetia aos momentos vivenciados anteriormente com a namorada, mas também o compelia a um sentido de vida e a um círculo social, nos eventos que ia.

O paciente demonstrava-se tímido nas sessões semanais, motivo que ele mesmo revelou



ser devido à dificuldade de relacionar-se com qualquer mulher. Aos poucos, Marcos tornou-se confiante e confortável em revelar e compartilhar sua história de vida. Ao longo dos atendimentos, aos quais nunca se ausentou, Marcos começou a demonstrar alguns aspectos evolutivos muito positivos.

Marcos demonstrou tentar relacionar-se amorosamente com duas mulheres, ainda que com muito receio. Sentia orgulho em contar e mostrar as conversas trocadas via internet. Marcos também adquiriu outro cavalo, o que o direcionava a frequentar novamente eventos nos finais de semana e que, conseqüentemente, retomava um círculo social, assim como oportunizava o encontro com as mulheres que conhecia nesse âmbito.

Certas vezes, levou uma delas para passear a cavalo, motivo que o deixava, aparentemente, muito feliz.

Marcos foi gradativamente diminuindo o uso de cocaína, tornando-se novamente um uso recreativo. Assim, diante do contexto, uma vez que as práticas compensatórias começaram a retornar na vida dele satisfatoriamente, a prática do uso abusivo de cocaína foi também perdendo espaço, e, com isso, um novo direcionamento de qualidade de vida.

2.7.1.2 Caso 2

Diego, 23 anos, procurou o CENPRE com o propósito de cessar o uso de cocaína, depois que sua namorada, com quem residia há 1 ano, ameaçou terminar o relacionamento, caso Diego não parasse de usar a droga. Diego relatou exercer a função de mecânico de motos, veículos pelos quais sentia verdadeira paixão e apreço.

Diego relatou que “sempre” usou cocaína, desde os 15 anos, quando era adolescente. Entretanto, há cerca de 4 meses, expôs estar gastando quantias de dinheiro cada vez maiores. Antes, gastava cerca de 20 a 40 reais com a droga nos finais de semanas e passou a gastar cerca de 300 reais.

Diego conta que chegou a vender uma moto que gostava muito, em troca de obter mais dinheiro para comprar cocaína. Nessa época, seu cunhado havia morrido em um acidente de moto, fazendo “racha” com outros amigos. Sua namorada e a mãe não concordavam que ele continuasse possuindo uma moto, pois estavam muito traumatizadas com o falecimento do familiar. Esse infortúnio o fez ceder às pressões e vender sua moto. Depois que vendeu sua moto, Diego deixou de conviver com um grupo de amigos motoqueiros, suas alternativas de sociabilidade se restringiram ao convívio doméstico com a mãe e com a namorada. Conta que saía muito pouco de casa, pois não tinha mais sua motocicleta para levar a namorada para fazer um lanche, por exemplo, nem para encontrar com seus amigos.



Notou que, desde então, seu consumo de cocaína havia aumentado exponencialmente. O dinheiro que ele recebia do seu trabalho como mecânico agora era usado para comprar cocaína, a tal ponto que acabava comprometendo o orçamento doméstico. Foi desenvolvido com o paciente a possibilidade de retornar aos estudos, atividade que havia parado há muitos anos e demonstrava desejo de voltar à escola.

Após um mês, mais ou menos, Diego voltou a estudar, precisando interromper o tratamento, pois o horário da escola coincidia com o horário de seu tratamento. Sua iniciativa para voltar a estudar, segundo ele, era motivo para sair um pouco de sua casa e conhecer pessoas, pois se julgava muito tímido e gostaria de socializar mais.

Importante ressaltar que, assim como os ratos do experimento da “Ratolândia”, o isolamento social do paciente agravava mais o desejo de usar a droga. Assim, pode-se dizer que o isolamento no qual se encontrava, apenas o fazia consumir cocaína mais frequentemente e em quantidades ainda maiores do que pretendia. Outro fator importante para que seu uso de droga se tornasse um tormento, foi a venda de sua moto e a morte de seu cunhado, acontecimentos que o abalaram muito. Então, voltar a estudar tornou-se uma boa alternativa de reatar laços sociais e, conseqüentemente, diminuir o uso da substância.

2.8 Análise de dados teóricos e resultados

O acompanhamento nos tratamentos dos dois pacientes trouxe alguns pontos semelhantes, os quais é possível elucidar ao ler seus relatos, e, com isso, configurar algumas questões importantes sobre suas narrativas.

Ambos procuraram o CENPRE com as premissas de que, no momento, estavam vivenciando um problema em relação ao intenso uso de drogas, ainda que a utilização da substância datava de muito tempo, ou segundo eles, “desde sempre”. Tanto Marcos quanto Diego haviam experimentado e utilizado cocaína desde a adolescência, porém, que não haviam tido prejuízos em suas vidas no quesito; relacionamentos sociais, esfera afetiva ou profissional. Apenas utilizavam da droga em momentos recreativos e com uma margem financeira fixa destinada a droga, o que mantinha os pacientes tranquilos quanto à importância da cocaína em suas vidas.

Tanto o paciente Marcos quanto o paciente Diego vivenciaram momentos de extrema angústia devido à perda ou rompimento com pessoas muito importantes, assim como a perda de objetos (o cavalo e a moto) que tinham grande significado em suas vidas, coisas essas que correspondiam a momentos de felicidade juntamente com outras pessoas, preenchimento de afetos ricos, assim como permitiam a vivência de situações de convivência social etc.

A pergunta que comumente se faz no tratamento de pessoas em atendimento devido ao

abuso de substância é: “*Por que você usa drogas visto os prejuízos associados ao consumo?*” Esta pergunta, portanto, me parece insustentável, uma vez que as razões e motivos dos quais as pessoas utilizam de drogas não relata nada sobre o verdadeiro problema. Tampouco me instiga justificar pela via da dependência química e pelo sistema de recompensa no cérebro, o qual defende o uso abusivo de drogas por causa da dependência devido ao sistema de recompensa e seu poder viciante. A pergunta que faço é, portanto: “*Quando o uso de drogas começou a lhe trazer prejuízo nas mais diversas esferas da vida?*”

Isto porque entende-se que uma pessoa pode utilizar substâncias psicoativas a vida inteira, sem que propriamente se vicie, e que a razão do vício diz mais respeito a aspectos singulares da vida dessas pessoas, ou seja, à perda ou ao rompimento com pessoas e/ou coisas importantes. Faz-se assim a hipótese que quanto mais as pessoas, assim como os ratos do experimento da “Ratolândia”, tendem ao isolamento, à solidão, maior a probabilidade de que se procure recursos compensatórios, como a drogadição.

3 CONCLUSÃO

A questão referente a “*quando o uso de drogas começou a lhe trazer prejuízo nas mais diversas esferas da vida?*” desenrolou-se durante as várias sessões com os pacientes. Em suma, o mal-estar e os sentimentos vivenciados decorrentes das situações mencionadas dos dois pacientes, relataram muito mais sobre a história de vida daqueles sujeitos, assim como as motivações de seus sofrimentos, que os levaram ao uso abusivo de substâncias. Sendo assim, o preenchimento dos quesitos contidos no DSM-V, para Transtorno por Uso de Substância, revela extrema redução da subjetividade dos pacientes em sofrimento.

Entende-se, assim, que baseado em pesquisas científicas recentes e através de diversas experiências com animais e com grupos de pessoas, é necessário que haja uma crítica mais objetiva sobre a infinidade de questões relacionadas ao uso de drogas, compreendendo assim que a permissão do aprendizado a partir dos comportamentos humanos, bem como do panorama geral das esferas gerais da vida da pessoa, poderá ser possível refletir sob outra lente, outra forma, o problema real que tange a vida da pessoa e, dessa forma, outorgar mudanças (HART, 2014).

Ao persistir em uma única direção unilateral sobre a temática, como o modelo biomédico da dependência, circunscreve-se que haja possibilidades de outras formas de configurar o assunto, o que resulta a tomar, às vezes, iniciativas que prejudicam as pessoas e as comunidades às quais supostamente dever-se-ia ajudar. Por isso, deve-se reduzir a desinformação e instigar o pensamento crítico.



Diante da temática complexa do uso de drogas, há diversas variáveis que aqui não foram suscitadas, mas que contêm uma espessa e rica fonte de estudos, revisões e ideias promissoras para um estudo bem mais aprofundado. É importante que a relevância do tema em diversas disciplinas e linhas de pesquisas sejam progressivos em avanços cada vez mais promissores.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER B.K., COAMBS R.B.; HADAWAY, F. P. **The effect of housing and gender on morphine self-administration in rats**, *Psychopharmacology*, ed.58, 1978.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders**, Fifth Edition (DSM-V). Arlington, VA: American Psychiatric Association, 2013.

ANTHONY, J.C.; WARNER, L.A.; KESSLER, R.C. Comparative epidemiology of dependence on tobacco, alcohol, controlled substances, and inhalants: basic findings from the National Comorbidity Survey. **Experimental and Clinical Psychopharmacology**. Ed.2, 1994.

CHAUVET, C. *et al.* Effects of environmental enrichment on the incubation of cocaine craving. **Neuropharmacology**, n.63, 2012. <https://doi.org/10.1016/j.neuropharm.2012.05.014>

CHAUVET, C. *et al.*, “**Effects of environmental enrichment on the incubation of cocaine craving**”, *Neuropharmacology*, n.63, 2012, p.635-4.

D.J. Stairs, E.D. Klein e M.T. Bardo, “**Effects of environmental Pharmacology enrichment on extinction and reinstatement of amphetamine self-administration and sucrose-maintained responding**”, *Behavioural Pharmacology*, n.17,2006,p-597-604.

HADAWAY, P. F. *et al.* The effect of housing and gender on preference for morphine-sucrose solutions in rats. *Psychopharmacology (Berl)*, n. 66, 1979, p.87-91. <https://doi.org/10.1007/BF00431995>

HART, Carl. **Um preço muito alto: a jornada de um neurocientista que desafia nossa visão sobre as drogas**. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

HECHTMAN, L.; GREENFIELD, B. Long-term use of stimulants in children with attention deficit hyperactivity disorder: safety, efficacy, and long-term outcome. **Paediatric Drugs**, vol.5, n.12, 2003, p.787-94.

KASIR, C.; MELLOR, G.; HART, C.; GERHARDT, G. Nicotine effects on dopamine clearance in rat nucleus accumbens. **Journal of Neurochemistry**, n.19, 1995. [https://doi.org/10.1016/0278-5846\(94\)00111-T](https://doi.org/10.1016/0278-5846(94)00111-T)

KOOB, G.F. Drugs of abuse: Anatomy, pharmacology and function of reward pathways. **Trends Pharmacological Sciences**, n.13, p.177-84, 1992.

OLDS, J.; MILNER, P. Positive reinforcement produced by electrical stimulation of the septal area and other regions of rat brain, **Journal of Comparative and Physiological Psychology**,



n.46,1954, p.419-27, 1954.

PUHL, MC., *et al.* “Environmental enrichment on the incubation of cocaine self-administration in adult male rats, but does not eliminate avoidance of a drug-associated saccharin cue”, **Behavioural Pharmacology**, n.23, p-43-53, 2012.

STAIRS, D.; KLEIN, ED; BARDO, MT.; Effects of environmental enrichment on extinction and reinstatement of amphetamine self-administration and sucrose-maintained responding. **Behavioural Pharmacology**, 17(7), 597–604. 2006. <https://doi/10.1097/01.fbp.0000236271.72300.0e>

WARNER, L.A. *et al.* Prevalence and correlates of drug use and dependence in the United States: Results from the National Comorbidity Survey. **Archives of General Psychiatry**, v.52, n.3, p.219-29, 1994.

WISE, R.A. The neurobiology of craving: implications for the understanding and treatment of addiction. **Journal of Abnormal Psychology**, 97(2), 118–132. 1988. <https://doi.apa.org/doi/10.1037/0021-843X.97.2.118>

Recebido em: 08/12/2022

Aceito em: 22/12/2023

Revisado em: 05/02/2024

